



PENSANDO O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO COM IGUALDADE DE GÊNERO

Palavras-Chave: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, GÊNERO, TEORIA ECONÔMICA

Autores(as):

SOPHIA PIO ROMERA ALÉSSIO, IE – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. LUIZA NASSIF PIRES (orientadora), IE – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O trabalho de Iniciação Científica intitulado “Pensando o Desenvolvimento Econômico com Igualdade de Gênero” foi iniciado visando estudar teorias econômicas clássicas acerca dos processos de desenvolvimento econômico. Assim, o pensamento dos pioneiros contribuiu para a busca de um modelo de desenvolvimento nacional, sendo posteriormente incorporado e criticado pelas referências latino-americanas, em especial pelos teóricos da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL). Esses também são alvo de análise do presente trabalho, visando encontrar as lacunas de tais desenvolvimentos teóricos na abordagem da desigualdade social quando se trata dos diferentes impactos e estruturas de gênero que os processos econômicos foram responsáveis pela formação nos países da América Latina. Dessarte, amparado pela pesquisa realizada em teóricas de economia feminista, e definido o referencial teórico da crítica na própria economia feminista heterodoxa, o estudo critica a lacuna no tratamento da igualdade gênero em teorias de desenvolvimento econômico clássicas, especialmente ao se considerar o ponto de partida da economia feminista heterodoxa, isto é, a igualdade de gênero como fim, usando do desenvolvimento econômico como uma ferramenta.

METODOLOGIA:

A metodologia do projeto de Iniciação Científica (IC) passou, primeiramente, por um processo indutivo, ou seja, foi iniciado do geral ao específico, ao fazer uma retrospectiva da teoria econômica acerca do desenvolvimento, da economia feminista – em especial heterodoxa –, e finalmente ao realizar uma crítica das teorias clássicas em função da perspectiva contemporânea da economia feminista. A realização do trabalho foi dividida em três seções: revisão bibliográfica das teorias clássicas, revisão dos teóricos latino-americanos

e revisão da economia feminista, posteriormente estudando intermediações passíveis de análise crítica.

De início, foram revisadas obras de referência sobre os conceitos de desenvolvimento e crescimento econômico, com base nos estudos de Celso Furtado e Schumpeter. Posteriormente, foram revisados clássicos da teoria do desenvolvimento, assim como a origem da discussão acerca do crescimento econômico dos países. Para isso, foram selecionados os seguintes autores: Walt Whitman Rostow e Arthur Lewis. Por sua vez, em uma segunda etapa, foram escolhidos artigos e contribuições críticas latino-americanas, as quais aplicaram a teoria de desenvolvimento econômico à realidade da periferia na América Latina, denominados estruturalistas; para essa seção, os principais autores revisados foram: Raúl Prebisch e Celso Furtado. Por fim, na revisão bibliográfica da Economia Feminista, inicialmente, usou-se de artigos acerca das principais contribuições para a visão contemporânea de uma economia com viés de gênero, construindo um arcabouço teórico razoável para a análise crítica do desenvolvimento econômico enquanto conceito e objetivo de um país, baseado nas seguintes autoras: Cintia Aruzza, Tithi Bhattacharya, Valeria Esquivel, Marilane Teixeira, entre outras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Inicialmente, coloca-se o desenvolvimento econômico como um conceito que envolve mudanças na estrutura produtiva de um país, com exigência de mudanças revolucionárias ou descontinuidades (Schumpeter, 1985). Ademais, envolve uma rápida acumulação de capital e um processo em que há dualidade entre o moderno e antigo (Lewis, 1954). Em decorrência da natureza do projeto, a concepção inicial mais apropriada é a de Furtado (2000): há três pilares do desenvolvimento econômico, a saber, a evolução do sistema social de produção, a consecução dos objetivos da classe dominante e o grau de satisfação das necessidades humanas. Com as revisões bibliográficas de Rostow (1978) e Lewis (1954), apesar de distintas, revelou-se que os conceitos-chave dos teóricos clássicos do desenvolvimento envolvem o progresso técnico, a produtividade do trabalho, a acumulação, investimento e poupança. A exemplo disso, Rostow coloca que, para o arranco – aceleração do crescimento – é necessário haver aumento da taxa de investimento da economia de 4% para 10% (Rostow, 1958). Outrossim, o cenário de distribuição de renda e diminuição da desigualdade social aparece como posterior ao processo de desenvolvimento, o que já é criticado pelos teóricos latino-americanos, como na própria definição anteriormente citada de Furtado. Prebisch

(1949), pioneiro dessa teoria na América Latina, origina o sistema centro periferia, no qual os países periféricos possuem dificuldades para alavancar o desenvolvimento econômico: benefícios do crescimento da produtividade, por exemplo, não são igualmente aproveitados. Desse modo, o autor argumenta que a industrialização seria o caminho ideal para alcançar o desenvolvimento, como os autores clássicos sustentam. Outros textos da Cepal, nos anos 1990, mencionam o imperativo da equidade e sustentabilidade no desenvolvimento, mas pecam em trazer concretude de ideias (CEPAL, 2000). Mesmo assim, conforme Bastos e D’Avila (2009), o arcabouço continua sendo próximo dos teóricos clássicos, evidenciando problemas de oferta no crescimento do produto.

Então, a partir das contribuições de autoras de economia feminista, definiu-se o escopo da compreensão crítica pelo feminismo econômico heterodoxo, o qual visa a igualdade de gênero como fim (Esquivel, 2020). Outrossim, Hartmann – mesmo que exercitando sua discussão no marxismo – foi fundamental para sustentar que uma articulação baseada somente no aspecto do capital falharia em atender às necessidades de emancipação das mulheres. Assim, optou-se por uma análise inicial baseada na Teoria da Reprodução Social em Aruzza e Bhattacharya (2024), enfatizando a esfera de reprodução social, essencial à manutenção da força de trabalho. Essa é impactada, conforme as autoras, pela própria esfera de produção, ou seja, como um país produz impacta as características da esfera reprodutiva. Portanto, considerando a esfera doméstica e o trabalho reprodutivo majoritariamente empregado por mulheres, Hopkins (2017) argumenta que há continuação do trabalho doméstico não remunerado mesmo quando as mulheres se encontram em empregos formais. Outrossim, Cook (2023) explora ideias de uma economia de bem-estar feminista, questionando medidas tradicionais de crescimento e qualidade de vida para os países. A partir de todas essas contribuições, os resultados obtidos foram – primeiramente – a identificação de uma lacuna nos teóricos clássicos, desde a abordagem da diminuição da desigualdade como objetivo do desenvolvimento até a inclusão das diferenças de gênero – e também raça – nas considerações sobre países subdesenvolvidos. Ademais, os teóricos críticos da América Latina também apresentaram pouco aprofundamento em momentos iniciais; a CEPAL incorporou o desenvolvimento econômico com igualdade e sustentabilidade junto ao movimento geral dos anos 1990, contudo sem adentrar plenamente no assunto. Por fim, com as leituras de Economia Feminista – especialmente a Teoria da Reprodução Social – foi possível identificar caminhos para argumentar uma igualdade de gênero no desenvolvimento econômico: um

deles é a adoção de políticas de cuidado, minimizando o impacto desse trabalho realizado majoritariamente por mulheres.

CONCLUSÕES:

As conclusões adquiridas ao longo da revisão bibliográfica e crítica dos autores e autoras acima referenciados foram de que, apesar de teorizarem sobre as condições necessárias e suplementares para o desenvolvimento econômico para além de puros indicadores, como o crescimento do PIB, considerando a estrutura produtiva e a produtividade da economia, em especial, como essenciais no processo, há lacunas importantes tanto nos teóricos clássicos quanto nos latino-americanos. Foi assim que, a partir da perspectiva de acadêmicas de economia feminista, observou-se que a teoria do desenvolvimento econômico, considerando sobretudo aspectos da estrutura de produção de uma economia, não forneceu saídas para desigualdade de gênero, ao nem sequer abordar a questão da disparidade enquanto uma forma de manutenção da economia capitalista. Isso porque, consoante à Teoria da Reprodução Social colocada e analisada profundamente na obra de Bhattacharya (2017), a esfera reprodutiva – geralmente operada pelas mulheres – sustenta a reprodução diária e intergeracional dos trabalhadores, sendo responsável, consequentemente, pela manutenção do sistema econômico. Dessarte, o trabalho conclui haver necessidade de ir além das teorias de desenvolvimento econômico quando o assunto é garantir a igualdade de gênero, e, ademais, conclui que há diversas maneiras de se realizar esse pensamento, como, por exemplo, a adoção de políticas públicas de cuidado – no âmbito capitalista – ou a luta pela subversão do sistema.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T. **Teoria da Reprodução Social**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 13, n. 2, 29 fev. 2024.
- BASTOS, C. D'AVILA, J. O debate do desenvolvimento na tradição heterodoxa brasileira. **Revista Economia Contemporânea**, v. 13, n.2, p. 173-199, 2009.
- BHATTACHARYA, T. **Social reproduction theory : remapping class, recentring oppression**. London: Pluto Press, 2017. Introdução.
- CARDOSO, F. G. **A armadilha do subdesenvolvimento: uma discussão do período desenvolvimentista brasileiro sob a ótica da abordagem da complexidade**. Tese (Doutorado em Economia das Instituições e do Desenvolvimento) - Faculdade de Economia,

Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Acesso em: 24 de abril de 2024.

CEPAL. Transformação produtiva com equidade: a tarefa prioritária do desenvolvimento da América Latina e do Caribe nos anos 1990. In: Bielchowsky, R. (Org.) **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: Volume 2**. São Paulo: Record, 2000.

COOK, S.; KABEER, N. From economic growth to a wellbeing economy: notes for a feminist foreign policy. **AFFPC Issue Paper Series**, n. 11, p. 1–10, Jun. 2023.

ESQUIVEL, V. Feminist Economics. **Companion to Feminist Studies**, p. 265–279, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119314967.ch15>>. Acesso em: 04 de julho de 2025.

FRASER, N. **Crisis of Care? On the Social-Reproductive Contradictions of Contemporary Capitalism**. In: BHATTACHARYA, T. (Ed.). *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression*. [s.l.] Pluto Press, 2017. p. 21–36.

FURTADO, C. O desenvolvimento: visão global. In: **Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 9–21.

HARTMANN, H. The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union. In: Sitton, J.F. (eds) **Marx Today**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010, p. 201–228.

HOPKINS, C. T. Mostly Work, Little Play: Social Reproduction, Migration, and Paid Domestic Work in Montreal. In: BHATTACHARYA, T. (Ed.). **Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression**. [s.l.] Pluto Press, 2017. p. 131–147.

LEWIS, A. **Economic Development with Unlimited Supplies of Labour**. The Manchester School, v. 22, n. 2, p. 139–191, maio 1954.

PIRES, L. N. **Mudança Estrutural na Economia Brasileira de 1996 a 2009: uma análise a partir das matrizes insumo-produto**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PREBISCH, R. O Desenvolvimento Econômico da América Latina e seus Principais Problemas. **Revista Brasileira de Economia**, v. 3, n. 3, p. 47–111, 1 jul. 1949.

ROSTOW, W. W. **Etapas do Desenvolvimento Econômico (Um Manifesto Não-Comunista)**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento : uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.